

**O ESTÍMULO À ESCOLHA PROFISSIONAL: O PROJETO VIVENCIANDO DA
UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA¹**

**STIMULATING PROFESSIONAL CHOICE: THE PROJECT EXPERIENCING THE
UNIVERSITY VEIGA DE ALMEIDA**

Giselle Tavares Vasconcellos²

Dra. Sueli de Fatima Ourique de Avila³

¹ Monografia apresentada à Universidade Veiga de Almeida como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

² Psicóloga. Gestora do Projeto Vivenciando da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: giselle.vasconcellos@uva.br. Telefone: (22) 98122-4848.

³ Prof. Orientadora. Psicóloga. Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. Pós-doutora em Políticas Públicas e Formação Humana. E-mail: sueli.avila@uva.br. Telefone: (21) 99991-8166.

RESUMO

Escolher uma profissão não é tarefa fácil, principalmente por ser um processo que ocorre durante a adolescência, fase na qual o jovem passa por importantes transformações físicas e psíquicas. Adolescentes de escolas públicas podem ter mais dificuldades ainda, pois, além desses fatores, eles não são estimulados a realizar essa seleção. O objetivo do presente trabalho é identificar se a aplicação de atividades para a escolha profissional pode estimular e despertar, nestes alunos, o interesse em buscar uma formação profissional. Uma pesquisa quantitativa foi realizada com alunos da rede pública e da rede particular de ensino. A mesma comprovou uma melhora nos dois grupos, após as atividades propostas, porém uma melhora mais significativa no grupo das escolas públicas, concluindo assim, que projetos de estímulo à escolha profissional podem facilitar e auxiliar esse processo em jovens de todas as classes sociais.

Palavras-chave: Escolha Profissional; Educação Pública; Adolescência.

ABSTRACT

Choosing a career is not easy, mainly because it is a process that occurs during adolescence, a phase in which the young undergoes major changes, both physical and psychic. Public school teens still may have more difficulty, because in addition to all these factors, they are not encouraged to perform this selection. The objective of this study is to identify whether the application of activities for professional choice can stimulate and awaken in these students the interest to pursue a vocational training. A quantitative survey was conducted with students from public and private schools. The same proved an improvement in both groups, after the proposed activities, thus concluding that projects to stimulate a career choice can facilitate and assist a complex process for young people of all social classes.

Keywords: Professional Choice; Public Education, Adolescence.

Uma das preocupações dos jovens, no mundo contemporâneo, é a busca por uma profissão, o que representa, sob certos aspectos, a sua entrada no mundo adulto. O trabalho é entendido como uma instância privilegiada de inserção social e, portanto, como categoria que contribui de modo central para as produções de subjetividade, possuindo fundamental papel para que os jovens possam construir projetos futuros que possibilitem o desenvolvimento de trajetórias de vida. Assim, a escolha profissional não é algo fácil, é um processo contínuo, composto por uma série de decisões que serão tomadas ao longo da vida.

Quando um jovem opta por uma profissão, escolhe, não apenas um curso ou uma atividade de trabalho, mas também decide quem ser, uma proposta de vida, de rotina, espaço de trabalho, de status social. Lemos (2001) considera que, durante o período de escolha, o jovem está sob influência de fatores de ordem externa (momento histórico e social) e de ordem interna (processos psíquicos).

Bock e Liebesny (2003) defendem que o trabalho tem papel importante no projeto de vida futura do jovem e é através dele que este enxerga sua inserção na sociedade e na vida adulta. Porém, a visão de como será o trabalho, em sua execução propriamente dita, vai mudar de acordo com a classe social em que o adolescente estará inserido. Os adolescentes das classes de alta renda vão entender o trabalho como consequência de sua boa formação, enquanto que, para os jovens de classes mais baixas, o trabalho é uma responsabilidade que devem assumir logo cedo, por necessidade, para auxiliar suas famílias.

O trabalho abordou a adolescência, quais aspectos estão em desenvolvimento neste período e suas características. Também se levantou a formação da identidade e da identidade profissional. Em seguida, foi explicado como ocorre o processo de escolha profissional e as influências sofridas neste momento. Ao final, apontou-se a questão da maturidade, em virtude da escala utilizada para a realização da pesquisa em questão. Também foram delineadas as etapas, os grupos testados e seus resultados, assim como a conclusão obtida após a finalização da pesquisa.

ADOLESCÊNCIA E A ESCOLHA PROFISSIONAL

A adolescência é uma etapa psicossocial, importante e decisiva no desenvolvimento humano, que marca a saída da infância e a entrada na fase adulta. Aberastury (1990) concorda com a importância dada a esta complexa fase e completa que é aqui que o jovem vai passar por um processo de desprendimento e, a partir da maturidade desenvolvida neste momento, que ele vai

adquirir sua autonomia. De acordo com o ambiente social, econômico e cultural em que vive este jovem, apresentará diferentes peculiaridades.

Durante esta etapa do desenvolvimento, o jovem passa por fases que farão com que ele adquira sua identidade, incluindo a identificação profissional. Para Lemos (2001), estas fases são nomeadas e caracterizadas da seguinte forma: a) adolescência puberal – marcada pelas intensas transformações corporais, pelos lutos da infância e pelo fato de perceberem que os pais não são perfeitos como o idealizado; b) adolescência nuclear – o indivíduo desinveste dos pais afetivamente e passa a investir, de forma mais intensa, no grupo que, por sua vez, tem maior influência sobre ele, pois o jovem precisa ser aceito nele; c) adolescência juvenil – ocorre um distanciamento do grupo e uma retomada do mundo adulto. Aqui o jovem passa a se dedicar à escolha profissional realizada e sofre os lutos da adolescência.

Shoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2003) defendem que a adolescência é um período que comporta uma série de mudanças e, por essa razão, desenvolvesse a identidade. Apenas com a revolução de seu processo cognitivo ele será capaz de trabalhar questões como a escolha profissional, relacionamentos, filosofia e estilo de vida. Durante todo o ciclo de vida a identidade estará sendo desenvolvida, porém na adolescência ocorrem mudanças mais significantes e, em virtude das evoluções alcançadas, a preocupação referente a ela fica mais intensa e consciente.

Para Erikson (1972), a construção da identidade vai definir quem a pessoa é, quais são suas crenças, valores e planos a seguir na vida. Para estes, o indivíduo precisará estar comprometido de forma sólida e segura. Desta forma, observar-se-á que ela dependerá de fatores internos e externos para acontecer.

Já a identidade profissional não surge de uma hora para a outra, como é possível pensar. Segundo Terêncio e Soares (2003), ela faz parte da identidade total e, dessa forma, também se formará durante a vida do indivíduo e sofrerá influências de fatores internos e externos. A identidade profissional emerge na adolescência em virtude dos avanços cognitivos alcançados pelo jovem e pela necessidade de realizar uma escolha para entrar no mercado de trabalho. Entretanto, Bohoslavsky (1993) defende que a identidade profissional é formada pelas identificações que o jovem terá durante a vida, seja familiar ou com os grupos aos quais pertence.

A escola também é um importante fator de influência para a escolha profissional. Porém, Soares (2002) defende que a escola não tem estimulado, nos jovens, o autoconhecimento e, dessa forma, eles se sentem desamparados. Assim, é gerada uma insegurança e ansiedade maior durante

o processo de escolha. Pode-se concordar que seria interessante que as escolas despertassem, nos jovens, o gosto pelo estudo. Porém, Soares (2002) aponta que não deve ser o estudo obrigatório, mas aquele que estimule e respeite o interesse do jovem. Arpini (2003) afirma que, na maior parte das vezes, a escola forma o jovem para um futuro que ele considera distante e inatingível, além de angustiante. Um futuro no qual ele não possui perspectiva, não imagina conseguir chegar.

Bock, Furtado e Teixeira (2002) defendem que escolher uma profissão, a partir de suas relações e experiências, é algo recente, que teve início com a inserção do capitalismo. Antes, as ocupações eram definidas de acordo com os laços sanguíneos. Após o capitalismo, as pessoas passaram a vender sua força de trabalho e, conseqüentemente, podiam “escolher” o que fazer. Assim, ao passar esta opção para as mãos do indivíduo, o processo de escolha passou a ter mais importância.

Nos dias de hoje, em nossa cultura ocidental, o trabalho é uma expectativa de todos, homens e mulheres. Mas os jovens, oriundos da escola pública, na sua maioria, trabalham por necessidade, postergando o sonho de acesso ao ensino superior. Já os jovens “que estudaram em escolas particulares estarão trabalhando como consequência lógica da boa formação que tiveram, por terem seguido todos os passos para isso (ensino médio, 3º grau, pós-graduação/especialização)”, o que os torna propícios a obter mais sucesso. (BOCK e LIEBESNY, 2003, p. 215-216). Sendo assim, a escolha profissional sofre interferência da classe social e, conseqüentemente, da condição financeira desses alunos.

Soares (2002) coloca que reconhecer o que fomos, as influências sofridas e os fatos mais marcantes da vida são elementos que pesam na hora de escolher a futura profissão. Esta, por sua vez, pode vir acompanhada dos sentimentos de surpresa e urgência, já que normalmente são feitas às vésperas das inscrições para os vestibulares. Fica claro que, cada classe social verá este momento e as opções de escolha de forma diferenciada.

Sallas et al. (2003) reconhecem que os jovens de classes mais baixas precisam trabalhar desde cedo, incentivados até pelos próprios pais, para que tenham mais uma fonte de renda e coloquem-na em casa. Para os jovens de escola pública, a presença do estudo no projeto de vida futura é menor diante da família e do trabalho, enquanto que, para os jovens de escola particular, essa presença ocorre naturalmente, é quase óbvia.

Para Almeida e Pinho (2008), existem vários fatores que influenciam a escolha profissional, como: características pessoais, valores, crenças, classe social, família e outros.

Filomeno (1997) destaca que a família é a base para o indivíduo e seu principal influenciador. Ela pode tanto ajudar quanto atrapalhar no momento da decisão profissional, principalmente porque os pais projetam nos filhos a expectativa de ser o que eles não foram ou de ter que “ser igual a fulano”. Desta forma, a família não permite que o jovem faça uma escolha livre e ele, por sua vez, acaba por escolher uma profissão que tenha ligação com os valores da família.

Portanto, a questão da escolha profissional não é uma tarefa simples, pois ao realizá-la o jovem abre mão de outra e a que seja deixada de lado não poderá ser realizada inicialmente. No momento da decisão de seu futuro, por várias vezes, ele não tem claro como este acontecimento está inserido em um espaço muito maior. Duran (2011, p. 59) aponta que “escolher tem uma relação inequívoca com liberdade e autonomia”. Sendo assim, a melhor solução seria resguardar o verdadeiro significado desses conceitos, ao invés de colocá-los como inerentes ao indivíduo. Bohoslavsky (1993) concluiu que a escolha ajustada será sempre consequência dos conflitos elaborados e resolvidos do indivíduo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo identificar se as atividades propostas para a escolha profissional, pelo Projeto Vivenciando, despertam, nos alunos de escolas públicas, o interesse em buscar uma formação acadêmica. Como método, foi realizada uma pesquisa exploratória, bibliográfica aos principais autores e referências relacionados ao tema proposto e, por conseguinte, uma pesquisa exploratória, de levantamento, com o propósito de obter informações de um grupo significativo de alunos do ensino médio acerca da maturidade para a escolha profissional.

Realizou-se a pesquisa experimental com jovens do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas e particulares. Algumas passaram por todas as etapas do projeto, enquanto outras não realizaram nenhuma atividade (grupo controle). Assim, a partir do método quantitativo, as respostas dadas no início e ao final das intervenções puderam ser avaliadas e comparadas entre grupos. Também foi possível observar como os alunos dos dois grupos estavam preparados para começar a vida profissional e acadêmica e a importância de projetos que estimulem os jovens a pensar numa carreira profissional.

A referida pesquisa se justifica pelo alto número de alunos matriculados no Ensino Médio da rede pública de ensino. Segundo o Censo Escolar realizado pelo Ministério da Educação (MEC

2015), em 2014, foram registrados 18.700 alunos matriculados apenas no Ensino Médio das escolas públicas, na Região dos Lagos.

O Projeto Vivenciando possibilita que alunos do Ensino Médio conheçam o mundo acadêmico. No campus Cabo Frio, as escolas da Região dos Lagos passam por todas as etapas do projeto, que se inicia com a aplicação de teste vocacional AIP (Avaliação dos Interesses Profissionais). Já, na segunda fase, os alunos são convidados a participar de palestras sobre os cursos disponibilizados pela instituição, com os coordenadores e professores dos mesmos. Em seguida, é realizada a Feira de Profissões na escola ou na própria Universidade, mostrando a parte prática de cada curso. Encerrando o projeto, os alunos visitam o ambiente acadêmico, onde podem conhecer as salas de aula, os laboratórios e todo o espaço físico do campus.

A maturidade para a escolha profissional compreende duas dimensões: Atitudes e Conhecimentos.

A primeira dimensão – Atitudes - é composta de três subdimensões: a) Determinação, que se refere a quanto o jovem está decidido e seguro com relação à escolha profissional; b) Responsabilidade, que se refere a quanto o jovem preocupa-se com a escolha profissional e empreende ações para a efetivação da mesma; e c) Independência, que se refere a quanto o jovem está processando esta escolha de forma independente, sem deixar-se influenciar por ideias de outras pessoas (familiares, professores, amigos, mídia). A segunda dimensão – Conhecimentos - compreende duas outras subdimensões: a) Autoconhecimento, que se refere a quanto o jovem conhece os aspectos de sua pessoa que são importantes para a escolha profissional, tais como: interesses, valores, habilidades, características pessoais etc.; e b) Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional, que se refere a quanto o jovem conhece sobre as profissões, exigências do mercado de trabalho, instituições educativas etc. (NEIVA, 2003, p. 98).

A partir dessas definições e dos métodos de investigação da maturidade criados pela autora, foi realizada a pesquisa experimental a seguir. A mesma responde o seguinte problema: as aplicações de atividades acerca da escolha profissional desenvolvem a maturidade e estimulam os jovens a buscar uma formação profissional? A hipótese levantada é que, se os jovens participarem de atividades relacionadas a este tema, então terão maturidade e interesse para buscar tal formação. Como variável independente estão as atividades de estímulo a maturidade e escolha profissional.

Participantes

Participaram da pesquisa 150 jovens, de 16 a 20 anos. Todos os participantes estavam matriculados e frequentavam o 3º ano do Ensino Médio de três escolas da rede pública e duas escolas da rede particular. Estes jovens foram divididos em grupos da seguinte forma:

Grupo 1 – cinquenta alunos de duas escolas públicas que passaram pelas atividades do Projeto Vivenciando;

Grupo 2 – cinquenta alunos de duas escolas particulares que também passaram pelas atividades do vivenciando;

Grupo 3 – (grupo controle) – cinquenta alunos de uma escola da rede pública que não passaram por atividades específicas que estimulassem a escolha profissional.

Cabe ressaltar que, como citado anteriormente, a escolha profissional é vista como consequência natural para os alunos de escolas particulares, tornando irrelevante realizar a pesquisa com um grupo deste meio que não passasse pelas intervenções do Vivenciando, pois os resultados, de qualquer forma, apresentariam melhora.

O número de participantes foi maior que o indicado anteriormente, mas, como era necessário que os adolescentes passassem por todas as etapas, aqueles que foram entrevistados no começo e não chegaram ao final foram descartados.

Coleta de Dados

A pesquisa utilizou o método quantitativo, desta forma, as respostas dadas pelos dois grupos na primeira aplicação da escala foram contabilizadas, avaliadas e comparadas entre si. O mesmo aconteceu com as respostas dadas na segunda aplicação. As respostas do terceiro grupo foram comparadas com as respostas finais do grupo 1, alunos de escolas públicas que passaram pelo Vivenciando. Assim, foi possível verificar e comprovar a eficiência e necessidade da execução de atividades sobre o assunto.

Antes que as atividades fossem desenvolvidas, os alunos do grupo 1 e do grupo 2 responderam a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP). A escala citada possui 25 itens do tipo Likert e “tem como objetivo avaliar o nível de maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio”. (NEIVA, 1999, p.13). Em seguida, eles participaram de todas as etapas do Projeto Vivenciando, na seguinte ordem: teste vocacional, palestra de apresentação de cursos da universidade, Feira de Profissões e visita guiada aos laboratórios e espaço físico da instituição. Ao final, o EMEP foi novamente preenchido pelos mesmos alunos dos dois grupos. O grupo 3 não realizou nenhuma etapa do projeto e respondeu ao EMEP no mesmo período em que os outros dois grupos responderam pela segunda vez, no final do ano letivo.

Resultados

Antes do início do projeto, 2% dos alunos de escolas particulares estavam na classificação Muito Inferior no nível de maturidade, enquanto que, nas escolas públicas, 6% dos alunos faziam parte desse grupo. Na classificação Inferior a diferença aumenta: 2% dos alunos de escolas particulares e 14% dos alunos de escolas públicas. A classificação Médio Inferior contou com mais alunos da rede pública (42%) que da rede particular (20%). O inverso ocorreu na classificação Médio, que foi composta por 42% dos alunos da rede particular e 26% dos alunos da rede pública. Na classificação Médio Superior, temos 20% dos alunos de escolas particulares e 8% dos alunos de escolas públicas. Na classificação Superior, 14% nas escolas particulares e apenas 4% nas escolas públicas. Nenhuma das duas escolas teve alunos com maturidade Muito Superior nesta primeira fase de aplicações do EMEP. Desta forma, podemos observar que a maioria dos alunos de escolas públicas está no nível de maturidade Médio Inferior, enquanto que a maioria dos alunos de escolas particulares estão no nível de maturidade Médio.

TABELA 1: NÍVEL DE MATURIDADE ANTES DO PROJETO VIVENCIANDO

Classificação	Porcentagem	
	Escolas da Rede Particular	Escolas da Rede Pública
Muito Inferior	2%	6%
Inferior	2%	14%
Médio Inferior	20%	42%
Médio	42%	26%
Médio Superior	20%	8%
Superior	14%	4%
Muito Superior	0%	0%

DADOS DE PESQUISA, 2014.

Classificação

Porcentagem Escolas da Rede Particular Escolas da Rede Pública Muito Inferior 2% 6% Inferior 2% 14% Médio Inferior 20% 42% Médio 42% 26% Médio Superior 20% 8% Superior 14% 4% Muito Superior 0% 0% DADOS DE PESQUISA, 2014.

Na segunda aplicação da escala, foi possível observar um grau de melhora na maturidade dos dois grupos participantes do projeto. Nenhum dos grupos terminou o projeto com alunos nos níveis Muito Inferior, Inferior ou Médio Inferior. As escolas particulares, ao final das atividades, estavam com 4% dos alunos na classificação Médio, 28% na classificação Médio Superior e 68% na classificação Superior. Nas escolas públicas foram, 28% dos alunos na classificação Médio, 28% na classificação Médio Superior e 44% na classificação Superior. Ou seja, após o Projeto Vivenciando a maioria dos alunos das duas redes de ensino estavam com seu nível de maturidade classificados como Superior. Mesmo com a realização das atividades, nenhuma das escolas atingiu o nível máximo de maturidade: Muito Superior.

TABELA 2: NÍVEL DE MATURIDADE APÓS PARTICIPAÇÃO NO PROJETO VIVENCIANDO

Classificação	Porcentagem	
	Escolas da Rede Particular	Escolas da Rede Pública
Muito Inferior	0%	0%
Inferior	0%	0%
Médio Inferior	0%	0%
Médio	4%	28%
Médio Superior	28%	28%
Superior	68%	44%
Muito Superior	0%	0%

DADOS DE PESQUISA, 2014.

Classificação

Porcentagem Escolas da Rede Particular Escolas da Rede Pública Muito Inferior 0% 0% Inferior 0% 0% Médio Inferior 0% 0% Médio 4% 28% Médio Superior 28% 28% Superior 68% 44% Muito Superior 0% 0% DADOS DE PESQUISA, 2014.

Como citado anteriormente, o mesmo foi realizado com uma escola pública que não realizou qualquer atividade que estimulasse a maturidade e, conseqüentemente, a escolha profissional. Nesta escola, 12% dos alunos terminaram o ano letivo com o nível de maturidade Inferior, 38% com o nível Médio Inferior, 24% com o nível Médio, 20% com o nível Médio

Superior e apenas 6% com o nível Superior. A maioria destes alunos ficou concentrada no nível Médio Inferior, enquanto as escolas públicas que adotaram o projeto não permaneceram com nenhum aluno nesse nível de maturidade.

Aqui podemos observar a importância do projeto e sua necessidade, principalmente para os jovens da rede pública de ensino que não terminam os estudos com uma maturidade desejável para a entrada no mercado de trabalho. Possivelmente, estes alunos não conseguirão escolher sua carreira profissional de forma responsável e segura.

TABELA 3: NÍVEL DE MATURIDADE DE ESCOLA PÚBLICA SEM PARTICIPAÇÃO NO PROJETO (Grupo de Controle)

Classificação	Porcentagem
Muito Inferior	0%
Inferior	12%
Médio Inferior	38%
Médio	24%
Médio Superior	20%
Superior	6%
Muito Superior	0%

DADOS DE PESQUISA, 2014.

Classificação Porcentagem

Muito Inferior 0% Inferior 12% Médio Inferior 38% Médio 24% Médio Superior 20% Superior 6% Muito Superior 0% DADOS DE PESQUISA, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) Todos os adolescentes devem ter direito a construir seu projeto futuro, ou seja, o direito a sonhar e concretizar um projeto que começa a se delinear na adolescência e que projeta a vida adulta. (ARPINI, 2003, p. 195).

A partir do trabalho realizado no Projeto de Integração Universidade – Escola (Vivenciando) da Universidade Veiga de Almeida, foi possível observar que havia um interesse inicial, quanto à escolha profissional, muito maior em alunos de escolas particulares do que em alunos de escolas públicas. Porém, ao participarem das atividades do Vivenciando, estes alunos passaram a ter, praticamente, o mesmo nível de interesse do que aqueles.

Após o embasamento teórico e a pesquisa de campo realizada, nota-se a importância de desenvolver atividades que estimulem o jovem a escolher uma profissão. Atividades estas que, claramente, estimulam também sua maturidade para realizar sua escolha profissional. Para Papalia e Feldman (2013), a faculdade tem sido crucial para que o jovem entre na vida adulta e, conseqüentemente, no mercado de trabalho, mesmo sendo apenas uma das alternativas para alcançar esses objetivos e não ser o mais comum para eles. Como visto anteriormente e apontado por Lemos (2001), o jovem realizará sua escolha a partir das suas identificações e, quanto mais esclarecimento ele tiver, mais fácil e segura será sua escolha.

Torna-se clara uma mudança nas expectativas e no projeto futuro dos alunos participantes do Projeto Vivenciando, confirmando sua importância e eficácia. Este, por sua vez, leva aos jovens do Ensino Médio informações que eles não tinham anteriormente, sobre os cursos e possibilidades de entrada no mundo acadêmico, impulsionando uma mudança e fazendo com que estejam mais preparados para escolher uma profissão. Reconhecemos que, apesar das escolas da rede privada estimularem mais as habilidades e competências de seus alunos, estes também apresentaram uma melhora significativa na maturidade para escolha profissional. O ideal é que o estímulo para a escolha profissional ocorresse em todas as séries, de acordo com o desenvolvimento e nível cognitivo previsto para cada fase da adolescência. Assim, fatores como: determinação, responsabilidade, independência, autoconhecimento e conhecimento da realidade poderiam ser estimulados e trabalhados, para que a uma maturidade profissional fosse desenvolvida de forma mais segura e assertiva pelo adolescente. Principalmente por ele estar em uma fase que passa por tantas dificuldades e pela sensação de desamparo.

As propostas pedagógicas precisam ser repensadas e, se existem adolescentes que precisam levar o estudo e o trabalho de forma simultânea, a escola precisa entrar neste universo e vincular estas duas áreas, ao invés de dar atenção a um e excluir o outro, como se não quisesse enxergar essa realidade. A escola precisa criar uma relação mais afetiva e menos moralizante com o jovem, pois é isso que o afasta do universo escolar. Falta estímulo e informação para os jovens de escola pública e isso também deve ser um ponto de reflexão, pois, com estes dois fatores, o jovem para de adiar seu projeto futuro e passa a pensar nele com menos angústia e incertezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. (cols.) **Adolescência**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura. **Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional**. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013. Acesso em 15 de novembro 2015.

ARPINI, Dorian Mônica. **Violência e exclusão: adolescência em grupos populares**. São Paulo: EDUSC, 2003.

BOCK, Ana Maria Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia; LIEBESNY, Brônia. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, Sergio.(org.) **Adolescências Construídas: a visão da Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional: a estratégia clínica**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRASIL. INEP. Ministério da Educação. Portaria nº 8, de 8 de jan. de 2015, Art 1º Ficam divulgados os resultados finais do **Censo Escolar de 2014**, na forma dos Anexos I e II a esta Portaria. Diário Oficial da União. Brasília, DF, Ano CLII, nº 6, p. 105, 9 de jan. de 2015. Primeira Parte.

DURAN, Rogério Izidro. A orientação profissional e a discussão sobre o trabalho. In: **A escolha profissional em questão**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

ERIKSON, Erick Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FILOMENO, Karina. **Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica**. São Paulo: Vetor, 1997.

LEMOS, Caioá Geraiges de. **Adolescência e Escolha da Profissão**. São Paulo: Vetor, 2001.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **A maturidade para a escolha profissional: uma comparação entre alunos do ensino médio**. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v4n1-2/v4n1-2a09.pdf>. Acesso em 15 de novembro 2015.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. São Paulo: AMGH, 2013.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. et al. Juventude, trabalho e perspectivas de futuro: o caso de Curitiba. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Atílio Silva. (orgs.) **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **A construção da identidade em adolescente**: um estudo exploratório. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v8n1/17240.pdf>. Acesso em 10 novembro de 2015.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A Escolha Profissional: do jovem ao adulto**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2002.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves; SOARES, Dulce Helena Penna. **A internet como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional**. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a14>. Acesso em 10 de novembro. 2015.